

# O sonho cultural da exortação Querida Amazônia

Agenor Brighenti\*

## Resumo

Este artigo aborda o sonho cultural na Exortação *Querida Amazônia* em dois momentos. No primeiro, situando a Exortação no caminhar sinodal e unindo o “sonho cultural” do Papa Francisco com a “conversão cultural” do Documento Final, se apresenta uma espécie de resenha do conteúdo, tal como aparece nos referidos documentos. No segundo momento, a partir dos caminhos apontados pela Exortação para a realização do sonho cultural, se extrai três diretrizes básicas de ação: assumir a cultura como novo sujeito e a interculturalidade como novo paradigma; superar mentalidades e práticas colonizadoras, como aquelas de determinados modelos de evangelização do passado; e, cuidar das raízes diante de uma avassaladora “hamburgerização” das culturas autóctones por parte de uma “cultura globalizada”, o que implica proteger os povos da floresta da violência de toda expressão domesticadora das fronteiras ou mesmo supressora da singularidade do autóctone, que só sobrevive enraizado na realidade local.

**Palavras-chave:** Sínodo. Amazônia. Cultura. Evangelização. Inculcação.

\* Presbítero da Diocese de Tubarão, SC; doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade Católica de Louvain/Bélgica; Professor-pesquisador na PUC de Curitiba e professor-visitante no Instituto Teológico-Pastoral do Conselho Episcopal Latino-americano, em Bogotá; Membro da Equipe de Reflexão Teológica do CELAM. Foi perito do CELAM na Conferência de Santo Domingo, da CNBB em Aparecida e do Sínodo da Amazônia em Roma. Correo electrónico: agenor.brighenti@pucpr.br.



# The cultural dream of the Exhortation Beloved Amazon

## Summary

This article addresses the cultural dream in the Exhortation Beloved Amazon in two moments. In the first, placing the Exhortation in the sinodal pathway uniting the “cultural dream” of Pope Francis with the “cultural conversion” identified in the Final Document, serves to represent a type of review of the contents of the document. In the second moment, from two pathways identified in the Exhortation for realizing the cultural dream, three basic guidelines for action are extracted: assuming culture as new subject and interculturality as a new paradigm; overcome colonizing mindsets and practices, such as those of certain models of previous processes of evangelization; and, care for the roots in the face of an overwhelming “hamburgerization” of autochthonous cultures by a “globalized culture”, that involves protecting the Amazonian people from the violence of every domesticating expression of borders which suppress the singularity of the authentic culture, which can only survive by being rooted in the local reality.

446

**Key words:** Synod. Amazon. Culture. Evangelizing. Inculturation.



O Sínodo para a Amazônia fez da cultura uma das questões centrais de uma região presente em nove países, onde apesar da violência física ou simbólica de cinco séculos de colonização, faz-se presente uma grande diversidade de povos e culturas. Deus nunca esteve ausente deste mundo de águas e florestas, habitadas por rica biodiversidade, em cujo centro estão centenas de povos originários, remanescentes da escravidão negra (os quilombolas) e os que habitam nas margens dos rios, os ribeirinhos (*ribereños*), sem esquecer-se das populações urbanas em pequenas e grandes cidades. Antes do missionário sempre chega o Espírito Santo, fecundando as culturas com “sementes do Verbo”, que um dia também se fez cultura em Nazaré da Galileia. Mas, nestas terras, junto com os colonizadores, aportou igualmente a Igreja, que passou a fazer parte desta história com suas luzes, mas também com suas sombras.

Nas antigas colônias, tanto na América Latina como na África e na Ásia, historicamente, a evangelização esteve atrelada ao modo como o “Ocidente cristão” tratou a questão do “outro”<sup>1</sup>. A ótica hora de “submissão”, hora de rejeição ou de aniquilamento do “diferente”, caracteriza a evangelização nas colônias, em cujas causas está também uma miopia cultural<sup>2</sup>. Como aconteceu no período colonial

<sup>1</sup> REDING, J. «Évangéliser dans un monde sécularisé», *in*. Em: *La foie et le Temps*, v. 5, 1992, p. 453-469, aqui p. 458 (número especial que recolhe as conferências do Coloquio: *Évangélisation de l'Amérique latine: histoire et projet*, Louvain-la-Neuve, 6 e 7 de fevereiro de 1992).

<sup>2</sup> BEOZZO, J. O. «Globalisation en Amérique latine dans le contexte historique des interactions mondiales». Em H. A. M. Muller – D. Villepelet, *Risquer la foi dans nos sociétés. Églises d'Amérique latine et d'Europe en dialogue*. Paris: Karthala, 2005, 85-116.



com relação aos indígenas nas Américas, ocorreu também com os negros arrancados da África, assim como com povos do Oriente. E assim continua acontecendo ainda hoje na região amazônica com os indígenas, quilombolas e ribeirinhos, da mesma forma que com os migrantes do hemisfério Sul nas terras onde aportam em busca de sobrevivência, seja nas periferias das cidades em sua própria pátria, seja em terras estrangeiras.

A preocupação com as culturas na região amazônica esteve muito presente durante todo o processo do Sínodo, tanto em sua preparação<sup>3</sup> como durante a assembleia reunida em Roma, tal como atestam os documentos, frutos de cada fase – o documento de consulta, o documento de trabalho, o documento final e a exortação do Papa Francisco. Destes quatro documentos, dois deles têm peso maior e se complementam melhor – a exortação do Papa e o Documento Final votado pela assembleia. O Sínodo coloca a exigência de uma “conversão cultural”, que para o Papa Francisco precisa estar sustentado por um “sonho cultural”, ou seja, respaldado por uma utopia ou uma mística que alimente o processo de uma evangelização inculturada. Por isso, como frisa o Papa, não só os dois documentos precisam ser abordados juntos, como ambos devem ser situados no contexto de todo o “caminhar sinodal” (*QAm 2*), uma vez que o Sínodo quer ser reflexo da “escuta da voz de Cristo, que fala através de todo o Povo de Deus” (*Episcopalis communio*, n. 5)<sup>4</sup>. Na introdução da Exortação *Querida Amazônia*, o Papa começa dizendo que, a partir das “intervenções” que ouviu ao longo do Sínodo e da leitura das “contribuições dos Círculos Menores”, ele quer “expressar as ressonâncias” nele provocadas deste “percurso de diálogo e discernimento”. Frisa que a Exortação não vai “desenvolver todas as questões tratadas no Documento Final”, nem pretende “substituí-lo

<sup>3</sup> Cf. SÍNODO PAN-AMAZÔNICO. *Instrumentum laboris* para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-amazônica, sobre o tema: “Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Em: <[www.sinodoamazonico.va](http://www.sinodoamazonico.va)>. Acesso em: 12 nov. 2019.

<sup>4</sup> Enquanto textos de caráter oficial do Sínodo dos Bispos, o “caminhar sinodal” gerou quatro documentos: o Documento de Consulta (*lineamenta*), o Documento de Trabalho (*instrumentum laboris*), as conclusões votadas pela Assembleia (*Documento Final*) e a Exortação Apostólica pós-sinodal (*Querida Amazônia*).

nem repeti-lo”. Antes quer fazer “uma síntese de algumas grandes preocupações” suas, de modo que “ajude e oriente para uma recepção harmoniosa, criativa e frutuosa de todo o caminhar sinodal” (*QAm* 2). E mais, diz ele que quer “apresentar de maneira oficial” o *Documento Final*, que “oferece as conclusões do Sínodo e no qual colaboraram muitas pessoas que conhecem melhor do que eu e do que a Cúria Romana a problemática da Amazônia, porque vivem lá, por ela sofrem e a amam apaixonadamente” (*QAm* 3). Assim, situar a Exortação no seio de todo o “caminhar sinodal”, não só não substituindo o *Documento Final* como dando a este um “caráter oficial”, é um fato novo e um novo critério hermenêutico para ler a *Querida Amazônia*<sup>5</sup>.

## 1. UM “SONHO CULTURAL” QUE IMPLICA “CONVERSÃO CULTURAL”

Começamos a abordagem da questão da cultura no Sínodo da Amazônia com uma breve resenha do “sonho cultural” do Papa Francisco, tal como ele o expressa na Exortação *Querida Amazônia*. Na sequência, também em uma espécie de resumo, vejamos o que Documento Final, votado pela Assembleia da qual fazia parte o Papa, diz a respeito da “conversão cultural”. Só na sequência faremos alguns comentários a respeito em termos de análise e já tirando consequências para sua implementação.

### 1.1. O sonho cultural na *Querida Amazônia*

O “sonho cultural”, segundo o Papa Francisco na *Querida Amazônia*, consiste em que a Amazônia preserve sua riqueza cultural e tire de si mesma o melhor de si própria (*QAm* 7). Para isso, frente ao “poliedro” de culturas ameaçadas, é preciso “cuidar das raízes”, promovendo o “encontro cultural”, pois há “povos em risco”. Chama a atenção a Exortação que há culturas ameaçadas, portadoras de

<sup>5</sup> Cf. LUCIANI, R. *Querida Amazônia: “O surgimento de uma ‘nova hermenêutica’*”. Em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596292-querida-amazonia-e-a-emergencia-de-uma-nova-hermeneutica-no-magisterio-artigo-de-rafael-luciani>>. Acesso em: 27 fev. 2020.



uma mensagem ainda não escutada. Deixando para trás toda postura colonizadora, é preciso “cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir” (QAm 28). São três diretrizes de ação fundamentais para superar toda e qualquer postura colonizadora.

### ***O poliedro amazônico***

Usando uma imagem que lhe é cara, o Papa Francisco constata que na Amazônia vivem muitos povos e nacionalidades. Fria que há mais de 110 povos indígenas em isolamento voluntário, numa situação fragilíssima. Muitos deles se sentem que são os últimos depositários de um tesouro destinado a desaparecer. E adverte: não podemos considerá-los como “selvagens não-civilizados”; eles têm suas culturas e outras formas de civilização (QAm 29). É preciso tomar como dado que cada povo possui a sua própria identidade cultural e uma riqueza única num universo multicultural (QAm 31). Eles desenvolvem uma forma peculiar de sabedoria, que enriquece toda a humanidade (QAm 32).

Infelizmente, com a colonização, os povos originários, das margens dos rios foram expulsos para o interior da floresta e, hoje, estão jogados nas periferias ou nas calçadas das cidades, onde perdem suas raízes culturais, raízes estas que lhes conferiam identidade e sentido de dignidade. Com isso, é interrompida a transmissão cultural de uma sabedoria que, durante séculos, foi passando de geração em geração (QAm 30).

### ***Cuidar das raízes***

A preservação desde “poliedro cultural” implica “cuidar das raízes”. O consumismo, no seio de uma economia que mata, “tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade”. E o papa convida especialmente os jovens “a assumir as raízes”, pois são elas que farão “crescer, florescer e frutificar”. Por isso, “é preciso amar as raízes e cuidar delas” (QAm 33) e, para isso, é importante “deixar que os idosos contem longas histórias e que os jovens se detenham a beber

desta fonte” (QAm 34). Graças de Deus, “alguns povos começaram a escrever para contar as suas histórias e descrever o significado de seus costumes” (QAm 35).

### ***Encontro intercultural***

Diante de posturas desqualificadoras das culturas dos povos originários, alegando que têm limites, o Papa Francisco frisa que como toda cultura tem suas limitações, incluídas as culturas urbanas do Ocidente. Todos percebem nelas limites como o consumismo, o individualismo, a discriminação e a desigualdade. Adverte o papa que “as etnias da Amazônia que desenvolveram um tesouro cultural em conexão com a natureza, com forte sentido comunitário, apercebem-se facilmente de nossas sombras” (QAm 36).

É a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo; a diferença, que é uma fronteira, pelo diálogo intercultural, pode transforma-se ponte. No encontro de diferentes, as diferenças enriquecem, enquanto que o isolamento empobrece. Diversidade não é sinônimo de ameaça. Por isso, “cuidar dos valores culturais dos grupos indígenas deveria ser interesse de todos, porque a riqueza deles é também a nossa” (QAm 37). O desenvolvimento de um povo inclui o direito à sua própria cultura (QAm 38).

### ***Culturas ameaçadas, povos em risco***

Infelizmente, esta “economia globalizada” danifica a riqueza humana, social e cultural, assim como desintegra as famílias pelas migrações forçadas, afetando a transmissão de valores. Além disso, “estamos diante de uma invasão colonizadora maciça dos meios de comunicação”, desafiando “comunicações alternativas, a partir das próprias línguas e culturas” (QAm 39).

Por isso, todo e qualquer projeto para a Amazônia, precisa “assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas” e compreender que o desenvolvimento de um grupo social requer o “protagonismo dos atores sociais locais, a partir de sua própria cultura”; nem mesmo a noção de qualidade de vida se pode impor (QAm 40).



## 1.2. A conversão cultural no Documento Final

O terceiro capítulo do Documento Final (DF) do Sínodo da Amazônia apresenta “novos caminhos para uma conversão cultural”. Está precedido por dois capítulos, o primeiro deles dedicado a uma “conversão integral” e o segundo a uma “conversão pastoral”. Na sequência vêm outros dois, um dedicado à conversão ecológica e o último à conversão sinodal. Este capítulo dedicado à “conversão cultural” começa reconhecendo que a região amazônica possui “uma grande diversidade cultural”. Neste âmbito, uma evangelização respeitosa e acolhedora do outro, capaz de aprender dele, exige “respeitar e reconhecer seus valores, viver e praticar a inculturação e a interculturalidade no anúncio da Boa Nova” (DF 41). Implica “ter um olhar que inclua a todos, usando expressões que permitam identificar e vincular todos os grupos e refletir identidades a serem reconhecidas, respeitadas e promovidas tanto na Igreja quanto na sociedade”. Frisa o Documento que

só uma Igreja missionária, inserida e inculturada, fará emergir Igrejas particulares autóctones, com rosto e coração amazônicos, enraizadas nas culturas e tradições próprias dos povos, unidas na mesma fé em Cristo e diferentes em seu modo de vivê-la, expressá-la e celebrá-la (DF 42).

452

### *Uma Igreja aliada dos povos indígenas*

Frisa o Documento Final do Sínodo que os povos da Amazônica têm muito a nos ensinar, pois são portadores de valores culturais, “nos quais descobrimos as sementes do Verbo” (DF 43). Diferente do pensamento ocidental que na compreensão da realidade tende a fragmentar-se, “o pensamento dos povos indígenas oferece uma visão integradora da realidade, capaz de compreender as múltiplas conexões existentes entre tudo o que foi criado”. Os povos indígenas são também portadores “de valores como a reciprocidade, a solidariedade, o sentido de comunidade, a igualdade, a família, sua organização social e o sentido de serviço” (DF 44).

Entretanto, “a cobiça por suas terras está na raiz dos conflitos que levam ao etnocídio, bem como ao assassinato e à criminalização

dos movimentos sociais e de suas lideranças”. Frisa o Documento que “boa parte dos territórios indígenas está desprotegida e os já demarcados estão sendo invadidos por atividades econômicas predatórias como mineração e extração florestal, por grandes projetos de infraestrutura, por cultivos ilícitos e por grandes propriedades que promovem a monocultura e a pecuária extensiva”. Frente a esta realidade, “a demarcação e proteção da terra é uma obrigação dos Estados nacionais e de seus respectivos governos” (DF 45).

Afirma o Documento Final que a Igreja quer “ser aliada dos povos amazônicos para denunciar os ataques contra a vida das comunidades indígenas, os projetos que afetam o meio ambiente, a falta de demarcação de seus territórios, bem como o modelo econômico de desenvolvimento predatório e ecocida” (DF 46). É preciso “defender os direitos à autodeterminação e a demarcação de territórios”. Para a Igreja, “a defesa da vida, da comunidade, da terra e dos direitos dos povos indígenas é um princípio evangélico, em defesa da dignidade humana: ‘Eu vim para que os homens tenham vida e a tenham em abundância’ (Jo 10, 10b)” (DF 47). Isso não extrapola a missão da Igreja; ao contrário, “a salvação integral da pessoa humana” implica “valorizar a cultura dos povos indígenas, falar de suas necessidades vitais, acompanhá-los em suas lutas por seus direitos”. A missão evangelizadora da Igreja, “constitui um serviço à vida plena dos povos indígenas, que leva a anunciar a Boa Nova do Reino de Deus e a denunciar situações de pecado, estruturas de morte, violência e injustiça, bem como a promover o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico (cf. DAp 95) (DF 48).

### ***A implementação de Igrejas Locais autóctones***

Para a assembleia sinodal, é preciso “nos aproximar dos povos amazônicos de igual para igual, respeitando sua história, suas culturas, seu estilo de ‘bem viver’. O colonialismo é a imposição de certos modos de vida de alguns povos sobre outros, seja economicamente, culturalmente ou religiosamente”. Frisa o Documento que a Igreja “rejeita uma evangelização ao estilo colonial”, pois “anunciar a Boa Nova de Jesus implica reconhecer as sementes do Verbo já presentes nas culturas”, gerando “processos de interculturalidade,



que promovam a vida da Igreja com identidade e rosto amazônicos” (DF 55). Não se pode confundir evangelização com proselitismo.

Por isso, é importante que

os centros de pesquisa e pastoral da Igreja, em aliança com os povos indígenas, estudem, compilem e sistematizem as tradições das etnias amazônicas, para favorecer uma obra educativa que parta de sua identidade e cultura, ajude na promoção e defesa de seus direitos, preserve e dissemine seu valor no cenário cultural latino-americano (DF 56).

Para isso,

é importante o conhecimento de suas línguas, suas crenças e aspirações, suas necessidades e esperanças, bem como a construção coletiva de processos educativos que tenham, tanto na forma quanto no conteúdo, a identidade cultural das comunidades amazônicas, insistindo na formação de uma ecologia integral como eixo transversal (DF 57).

### ***A religiosidade popular e a teologia índia***

Ressalta o Documento Final que a religiosidade popular “é um meio importante que vincula muitos povos da Amazônia com suas vivências espirituais, suas raízes culturais e sua integração comunitária. São manifestações com as quais o povo expressa a sua fé, através de imagens, símbolos, tradições, ritos e outros sacramentais” (DF 52). É um catolicismo não clericalizado, pois, nestas expressões religiosas, “os leigos assumem um protagonismo inexistente em outras esferas eclesiais, com a participação de irmãos e irmãs que exercem serviços e orações diretas, bênçãos, cantos sagrados tradicionais, novenas animadas, organização de procissões, promoção de festas padroeiras etc. Mas, dada sua ambiguidade, é preciso “acompanhar estas expressões de fé com uma catequese apropriada” (DF 53).

Juntamente com o catolicismo popular, “a teologia índia, a teologia do rosto amazônico”, é uma “riqueza do mundo indígena,

de sua cultura e espiritualidade”. Segundo o Documento Final do Sínodo, “o mundo indígena com seus mitos, narrativas, ritos, cantos, danças e expressões espirituais enriquece o encontro intercultural”. Dado que “as culturas não são terreno vazio, desprovido de valores autênticos”, a evangelização “não é um processo de destruição, mas de consolidação e fortalecimento desses valores; uma contribuição para o crescimento das sementes do Verbo” (DP 40, cf. GS 57), presentes nas culturas (DF 54).

### ***Caminhos para uma Igreja intercultural***

O Documento Final, no capítulo dedicado à conversão cultural, termina apontando novos caminhos para a superação de uma “evangelização ao estilo colonial”, através de um “anúncio inculturado que gera processos de interculturalidade, que promovem a vida da Igreja com identidade e rosto amazônicos”. Afirma que “o colonialismo é precisamente a imposição de certos modos de vida de alguns povos sobre outros, seja economicamente, culturalmente ou religiosamente” (DF 55). Por isso, “a tarefa evangelizadora da Igreja, que não deve ser confundida com o proselitismo, precisa incluir processos claros de inculturação dos nossos métodos e esquemas missionários” (DF 56). Daí a importância do “conhecimento de suas línguas, suas crenças e aspirações, suas necessidades e esperanças” (DF 57).

## **2. CAMINHOS DA QUERIDA AMAZÔNIA PARA A REALIZAÇÃO DO SONHO CULTURAL**

O Sínodo da Amazônia conjuga “sonho” e “conversão”, isto é, utopia ou horizonte de chegada com uma realidade desafiante, o ponto de partida de um processo que envolve todos os comprometidos com a defesa das culturas autóctones, sob o protagonismo dos povos originários e demais habitantes da região como os quilombolas e os ribeirinhos. O sonho, além de dar o rumo, alimenta a esperança em processos de mudanças e transformações, que só uma verdadeira conversão cultural pode torna-la ativa e operacionalizá-la. O Sínodo da Amazônia não se limita a fazer constatações e apontar para ideais a alcançar. Comprometido com a defesa dos



direitos dos povos e suas culturas, indica também diretrizes de ação, que podem inspirar novas iniciativas ou alimentar processos em curso.

Pelos menos três diretrizes se poderiam extrair da *Querida Amazônia* como novos caminhos de conversão cultural, capazes de fazer aterrissar na região o sonho cultural acenado pelo Papa Francisco: assumir a cultura como novo sujeito e a interculturalidade como novo paradigma; superar mentalidades e práticas colonizadoras; e, cuidar das raízes diante de uma avassaladora “hamburgerização” das culturas autóctones.

## **2.1. Assumir a cultura como novo sujeito e a interculturalidade como novo paradigma**

A Amazônia transcende a Amazônia por duas razões principais: por irromper como um novo sujeito que se impõe como interlocutor e clama por respeito, cuidado, apoio e admiração; e, também, por se constituir em novo paradigma que clama por novas formas de ver a vida e o seu redor, assim como por outros padrões de relação com as pessoas, a natureza e a transcendência.

Tanto do ponto de vista social como eclesial, a Amazônia irrompe como um novo sujeito por dois fatores básicos: a ecologia e a cultura. A *questão ecológica* postula a natureza como sujeito de direitos, inclusive já com jurisprudência em alguns países. A questão da cultura remete aos povos originários, que advogam seu justo direito a território, cultura, sistemas de valores e estilo de vida. O mundo cada vez mais se diversifica e desafia a todos a não só conviver com os diferentes, como a aprender a enriquecer-se com as diferenças. Para defender sua existência, identidade e a preservação de seus valores e tradições, há mais de uma centena de povos na Amazônia em “isolamento voluntário”. Entretanto, os isolados hoje estão abertos ao convívio com outros povos e culturas amanhã, mas à condição de uma relação simétrica, dialogal, horizontal, para além de toda e qualquer postura colonizadora.

A questão das culturas não é um problema menor, também na evangelização. Para Mircea Eliade, o descobrimento das culturas e da religião como sua alma é o maior descobrimento do século XX<sup>6</sup>, pois rompeu com os etnocentrismos e o mito de uma cultura superior e propiciou a irrupção do outro como “diferente” e o pluralismo cultural e religioso, que contribuem com a gestação, lenta mas gradativa, de uma consciência planetária<sup>7</sup>. Trata-se da irrupção do “outro” concebido não como o prolongamento do eu (mesmidade)<sup>8</sup> ou um herege ou inimigo em potencial, mas como alteridade gratuita, instância de enriquecimento e de novas possibilidades. Finalmente, se está tomando consciência que não existe povo não-civilizado<sup>9</sup>, mas povos com civilizações próprias e diferentes, da mesma forma que também não existe povo sem cultura e nem cultura que não tenha a religião como sua alma. Com isso, deu-se a emergência da pluriculturalidade – reconhecer-se “entre” culturas –, de onde decorre o imperativo da interculturalidade - colocar-se em diálogo e em relação de interação simbiótica com as demais culturas.

### ***A interculturalidade como um novo paradigma***

Da Amazônia, a ecologia e os “povos da floresta”, além de novos sujeitos, irrompem também como novo paradigma<sup>10</sup> a ser levado em conta, tanto na esfera social como no âmbito eclesial. Do ponto de vista ecológico, o “outro” enquanto natureza, quando olhado com espírito de dominação, leva a posturas predatórias e destruidoras. Mas, quando visto como parte de si mesmo e dom do Criador,

<sup>6</sup> COMBLIN, J. “Evangelização e inculturação. Implicações pastorais”. Em: FABRI DOS ANJOS, M. (org.). *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*. Petrópolis: Vozes/Soter, 1995, p. 57-89, p. 57.

<sup>7</sup> Cf. BOFF, L. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993; BOFF, L. *Nova era: civilização planetária*, São Paulo: Ática, 1994.

<sup>8</sup> Cf. RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990. Perspectiva posta em relevo por: LÉVINAS, E. *Totalidad e Infinito*. Salamanca: Sígueme, 1987.

<sup>9</sup> Recentemente, o atual presidente do Brasil declarou que “os indígenas, cada vez mais, estão ficando parecidos com os humanos” (sic). Foi denunciado a uma corte de justiça internacional.

<sup>10</sup> Fernando Roca Alcazar fala de uma “amazonización del mundo”, cf. ROCA ALCAZAR, F. El Sínodo amazónico, la Amazonía y la Iglesia. Em: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 1, p. 55-67, Jan./Abr. 2019, p. 55-67.



torna-se instância de admiração e cuidado, de inter-relação respeitosa, de responsabilidade, mediação de Deus (*QAm* 15).

Do ponto de vista cultural, a Amazônia emerge como um novo paradigma, pois desafia a ver o “outro”, enquanto povos que habitam a região, não como povos atrasados, selvagens ou intrusos na expansão das fronteiras agrícolas e da mineração, mas como povos diferentes, com sua própria civilização, seus valores, sujeito de direitos como todos os seres humanos, a começar pelo direito de serem eles mesmos e de habitarem seus territórios.

Isto implica superar todo resquício de mentalidades e práticas colonizadoras, historicamente marcadas pela ganância e a violência. O Sínodo reconhece que, inclusive na evangelização, “frequentemente o anúncio de Cristo se realizou em convivência com os poderes, que exploravam recursos e oprimiam as populações” (*QAm* 15). Assumir, pois, os povos nativos como paradigma na evangelização significa aprender deles e com eles como viver as bem-aventuranças de uma relação harmoniosa das criaturas entre si e com o Criador, em uma sobriedade feliz, o que os indígenas denominam – “bem viver”, na língua quechua – *sumak kawsay*<sup>11</sup>.

Como se pode constatar, o descobrimento da cultura e até o reconhecimento do pluralismo cultural não é tudo. A interculturalidade aponta para uma relação entre as culturas, para além de posturas colonizadoras. Nos países ocidentais, para expressar o modo de relação entre as culturas, normalmente se usa o termo “multiculturalidade”. Com ele se quer designar a multiplicidade de culturas no seio da sociedade sem, entretanto, que tenham uma relação entre elas. Dentro dos parâmetros liberais, se reconhece o direito das culturas, coloca-se todas em pé de igualdade entre si, mas se considera a tolerância do outro ou do diferente como suficiente para garantir que a sociedade funcione sem maior conflito. Na realidade, na multiculturalidade, a tolerância como eixo oculta

<sup>11</sup> Cf. ALCANTARA, L.C.S.; SAMPAIO, C.A.C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? Em: *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 40, abril 2017, p. 231-251.

a permanência das desigualdades, deixando intactas estruturas e instituições que privilegiam a uns sobre em relação a outros.

Na América Latina, para expressar o modo de relação entre as culturas, tem-se utilizado o termo “pluriculturalidade”, reflexo de uma convivência histórica entre povos indígenas, afrodescendentes e brancos-mestiços. Com o termo se quer expressar o reconhecimento da diversidade existente, só que isso se dá a partir da centralidade da cultura dominante. Admite-se que as culturas indígenas e negras enriquecem o país, mas não se repensa as estruturas e as instituições que mantém, tanto a assimetria entre elas como a supremacia da cultura dominante. Neste caso, a pluriculturalidade funciona como um processo de mão única, ou seja, a diversidade cultural é introduzida no seio do modelo dominante, mas de um modo que este tenderá a se perpetuar, apesar do reconhecimento das diferenças.

Superando os limites dos termos “multiculturalidade” e “pluriculturalidade”, o pensamento decolonial evoca o termo “interculturalidade”. Em uma relação intercultural, se busca estabelecer uma relação equitativa entre povos e culturas, sem escamotear ou ignorar as assimetrias culturais, sociais, econômicas, políticas e do poder presentes. Vai-se além da mera tolerância ou reconhecimento das diferenças entre as culturas, assim como do entendimento de que se trata de culturas com identidades monolíticas acabadas. Na interculturalidade, se busca impulsionar processos de intercâmbio que permitam construir espaços de encontro, interação e enriquecimento mútuo entre povos e culturas, entre seres e saberes, sentidos e práticas distintas. Trata-se de uma postural descolonizadora e decolonial<sup>12</sup>, tal como o Sínodo da Amazônia tem se posicionado.

## 2.2. Superar mentalidades e práticas colonizadoras

Uma segunda diretriz que poderíamos extrair da *Querida Amazônia* como novo caminho de conversão cultural é a superação de mentalidades e práticas colonizadoras na ação evangelizadora e

<sup>12</sup> Cf. WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. Em: *Signo y Pensamiento*, v. 46, 2006, p. 39-50.



no convívio social. Apresenta-se o desafio em relação aos povos da floresta e outros presentes na Amazônia, de “cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir” (*QAm* 28).

Nos últimos tempos, graças à renovação do Vaticano II e sua “recepção criativa” pela Igreja na América Latina e no Caribe, tornamo-nos mais conscientes da necessidade de romper com a lógica de violência em relação ao “outro” que caracterizou nossa história, tanto nos processos pastorais como na reflexão teológica. Segundo o Concílio, para encarnar o Evangelho, não se trata de suprimir a cultura local, ao contrário, se “tem o dever de conhecê-la, restaurá-la e conservá-la, de desenvolvê-la segundo as novas condições e, finalmente, aperfeiçoá-la em Cristo, para que a fé e a nova Igreja não sejam estranhas na sociedade em que se inserem, mas que comece a penetrá-la e a transformá-la” (*AG* 21). Isso significa, na ótica da *Evangelii Nuntiandi*, passar da implantação da Igreja à proposição do Evangelho e a tornar presente o Reino de Deus (*EG* 176), em uma relação dialógica, horizontal e intercultural. A versão de cristianismo do missionário, sempre condicionada pela própria cultura, não é modelo e nem ponto de partida na evangelização. Se o ponto de partida do processo de evangelização não for o outro e sua cultura, a missão continuará atrelada, consciente ou inconscientemente, a modelos colonizadores, numa dinâmica diametricamente oposta à Boa Nova do Evangelho. Por isso, “descolonizar as mentes” foi um forte apelo da Conferência de Aparecida e, em sua proposta de uma “Igreja em saída”, o Papa Francisco fala da urgência de ir para as periferias, mas com o cuidado de não “domesticar as fronteiras”<sup>13</sup>.

Na realidade, a relação evangelho-culturas pode dar-se em dois paradigmas opostos: como “evangelização das culturas” ou como “evangelização inculturada”. O primeiro parte da Igreja e dos que levam o Evangelho; o segundo parte do povo que o acolhe e sua cultura.

<sup>13</sup> Declaração do Papa Francisco em entrevista ao P. Spadaro, cf. [http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html). Acesso em 18 de julho de 2020.

## ***Evangelizar as culturas***

“Evangelizar as culturas”, basicamente, trata-se de um modelo de evangelização que busca implantar uma espécie de “cultura cristã”, o que na prática é sempre resultado de um processo de transculturação ou aculturação forçada, na medida em que implica a eliminação ou a substituição de um sistema cultural por outro<sup>14</sup>. De modo geral, neste modelo, há uma espécie de miopia etnocêntrica de um agente exógeno, pois é sempre a cultura do outro que deve ser mudada, como se existisse Evangelho fora da cultura, ainda que sua mensagem seja transcultural.

Como bem recorda *Catechesi Tradendae*, “a mensagem evangélica não é isolável pura e simplesmente da cultura em que ela primeiramente se inseriu” (CT 53). Não há a possibilidade de uma evangelização extra ou a-cultural, de simplesmente transvasar o Evangelho de uma cultura a outra, numa relação unilateral ou de mão-única, como se o cristianismo se identificasse com uma determinada cultura. Segundo o Concílio, há “inúmeros vínculos” entre mensagem de salvação e cultura (cf. GS 58), mas não identificação, pois “a Igreja não se prende, por força de sua missão e natureza, a nenhuma forma particular de cultura humana” (cf. GS 42). Como toda cultura representa sempre uma forma particular de viver, uma cultura cristã seria o aprisionamento do cristianismo a uma forma particular e regional.

Fazendo eco do Vaticano II, a *Evangelii Nuntiandi* frisa que “o Evangelho e, conseqüentemente, a evangelização, não se identificam por certo com a cultura e são independentes em relação a todas as culturas” (EN 20). No paradigma “evangelização das culturas”, a cultura de quem leva o Evangelho predomina sobre a cultura de que o recebe e permanece como referencial maior, desembocando num cristianismo monocultural.

<sup>14</sup> Cf. COMBLIN, J. “Aporias da inculturação (2)”. Em: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 56/224, 1996, p. 903-929; COMBLIN, J. “Aporias da inculturação (1)”. Em: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 56/223, 1996, p. 664-684.



## ***Evangelização inculturada***

Já no paradigma “evangelização inculturada”, o processo de evangelização parte dos povos e suas culturas. Distanciando-se da referida miopia etnocêntrica de um agente exógeno, se parte do pressuposto que o sujeito no processo de evangelização não é quem leva o Evangelho, que deve apenas desempenhar o papel de mediador entre Evangelho e cultura, mas aqueles que o recebem, dado que a Mensagem revelada é sempre “recebida segundo o modo do receptor” (Tomás de Aquino). Consequentemente, como o Evangelho sempre se encontra encarnado em culturas concretas, o processo de evangelização inculturada se dá essencialmente no encontro de culturas, num diálogo intercultural<sup>15</sup>. Trata-se de um encontro de culturas mediado pelo Evangelho, mais precisamente entre a cultura de quem leva a mensagem e a cultura daqueles que a recebem<sup>16</sup>.

Em consequência, entre quem leva e quem recebe a mensagem, se estabelece um processo de evangelização mútua. Por um lado, quem recebe a mensagem é convidado a deixar-se impregnar por ela e, por outro, quem a leva precisa confrontar sua própria versão de cristianismo com a versão elaborada pelo outro. Nenhuma cultura esgota as possibilidades do humano e é capaz de abarcar a superabundância de sentido da Revelação, podendo sempre se enriquecer no encontro com o Evangelho. É por isso que a evangelização será sempre, real ou potencialmente, crítica da cultura e, muitas vezes, um processo contra-cultural, ou seja, de denúncia profética. Mas para chegar a essa relação dialógica, mediada pela verdade do Evangelho, os interlocutores necessitam se deixar reger pela honestidade e a integridade, condição para escutar e sintonizar para além das próprias discrepâncias.

<sup>15</sup> BRIGHENTI, A. *Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 10-23. Ver, também FRANÇA MIRANDA, M. de. *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>16</sup> Cf. SUESS, P. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros. Ensaio de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

### 2.3. Cuidar das raízes diante de uma avassaladora “hamburgerização” das culturas autóctones

A terceira diretriz que poderíamos extrair da *Querida Amazônia* para uma “conversão cultural” diz respeito a “cuidar das raízes”, sobretudo diante de uma avassaladora “hamburgerização” das culturas autóctones. Como mencionamos, o Papa Francisco constata que a globalização consumista “tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade” (*QAm* 33). Frisa que “estamos diante de uma invasão colonizadora maciça dos meios de comunicação” (*QAm* 39).

Quando se fala, entretanto, em defender e proteger as culturas autóctones, não se está afirmando que elas estejam isentas de limites ou que para se protegerem precisam se isolar, evitando todo tipo de relação com outras culturas. Como todas as culturas são projetos humanos inacabados e ambíguos dados os limites de tudo o que é humano, a relação umas com as outras, dentro de determinadas condições, sempre enriquece. A interculturalidade necessariamente enriquece, pois nela se dá verdadeiro encontro, uma relação simétrica, dialógica, no respeito às diferenças e aos diferentes.

#### ***A violência de uma cultura homogeneizante***

A globalização mercantilista, de que fala o Papa Francisco, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural. Ela produz, inclusive na Amazônia, uma espécie de “cultura dominante”, com traços neocolonizadores e massificantes, tornando-se uma ameaça à idiossincrasia e à identidade de povos<sup>17</sup>. Além de enfraquecer as culturas locais, seu caráter universalizante provoca a fragmentação do tecido social, religioso e cultural. Sobre tudo nas cidades onde é ela quase hegemônica, o sujeito coletivo tende a se fragmentar em múltiplos sujeitos locais globalizados. Com isso, ficam expostos e indefesos diante de uma globalização que, por um lado, é portadora de valores e horizonte de novas

<sup>17</sup> Cf. LÓPEZ H. Eleazar. “La teología india en la globalización actual”. Em: SUSIN, L. C. *O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Soter/Loyola: 2000, p. 109-130.



possibilidades, mas, por outro, é matriz de uma cultura híbrida, de morte do autóctone.

Nestas condições, a correlação do global e o local se dá de forma assimétrica. Na medida em que exerce uma permanente violência sobre o endógeno, o autóctone, a diversidade, a pluralidade, as diferenças e os diferentes, o global tende a volatilizar o local. Na globalização homogeneizante, impõe-se a lógica do “pensamento único”, da exclusão das diferenças e dos diferentes, sem o devido respeito ao real da realidade local. Trata-se de uma “cultura” situada na “nuvem”, uma “cultura” virtualizada, sem território, sem sujeito, sem povo, mas onipresente e prepotente, sedutora, praticamente irresistível, em especial, à juventude.

Nesta “cultura de dominação” não faltam tendências ao absolutismo de poder (econômico, político, ideológico) e ao relativismo ético pela conquista do êxito a todo custo<sup>18</sup>, obrigando a culturas locais a se reestruturarem, quando não as condenando a se dissolverem<sup>19</sup>. É uma espécie de “cultura copulativa”, no seio da qual coexistem diversos estilos e formas de vida. Com isso, abre-se um leque de novos padrões de comportamento e de ofertas religiosas, numa espécie de grande mercado, onde cada um se sente no direito de escolher o que mais lhe apraz.

Por sua vez, a atomização das relações, que gera a fragmentação do tecido cultural e produz perda de identidade e desenraizamento, a solidão no meio da multidão, leva muitos a querer orientação e segurança existencial. Em consequência, a sociedade pluralista é também a sociedade dos tradicionalismos e dos fundamentalismos; a sociedade da tolerância é também a sociedade da intolerância, do racismo, da xenofobia, da homofobia e dos exclusivismos<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> Cfr. POUPARD, P. Évangélisation et nouvelles cultures. Em: *Nouvelle Revue Théologique*, v. 109, 1977, p. 532-549; HOURTON, J. Cultura, Modernidad y cristianismo, Em: *Persona y Sociedad*, v. 4, 1994, p. 9-16.

<sup>19</sup> Cfr. BAUM, G. Inculturación y multiculturalismo. Dos temas problemáticos. Em: *Concilium* (Esp), v. 251, 1994, p. 133-140; MENESES, P. A cultura no plural. Em: *Síntese*, v. 63, 1993, p. 445-458.

<sup>20</sup> Cfr. AZEVEDO, M. *Modernidade e cristianismo. O desafio à inculturação*. São Paulo: Loyola, 1981.

### ***A relação intercultural***

Uma relação equitativa entre o local e o global só pode dar-se quando este for expressão da diversidade de culturas e povos, em uma relação pautada pela interculturalidade. Neste caso, a cultura local, desde sua identidade e sem renunciar a si mesma, abre-se a uma relação simétrica com outras culturas, de forma dialógica e horizontal, deixando-se enriquecer por elas. E, apoiada nelas, torna-se capaz de se projetar para além de si mesma, convergindo em uma síntese superior em relação ao estágio anterior.

Na interculturalidade, o polo de articulação da relação dialética entre o local e o global se dá a partir do local, sob pena do universal volatizar o real. Sempre que não se parte do particular ou da cultura local, cai-se no transcultural, que significa a morte, tanto da cultura local quanto da possibilidade de uma relação intercultural. Por isso, diante da hegemonia de uma “cultura” universalizante e homogeneizante, para a *Querida Amazônia*, o grande desafio é “cuidar das raízes”, proteger o autóctone e o singular da violência de uma globalização domesticadora das fronteiras ou mesmo supressora do real, que está sempre enraizado na realidade local.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O sonho do Papa Francisco na Exortação Final do Sínodo, em sintonia como o caminhar sinodal, é que a Amazônia preserve sua riqueza cultural e tire de si o melhor de si mesma. O apoio e a ajuda de fora são sempre bem vindos, mas desde que não lhe tire o protagonismo. Todo e qualquer projeto para a Amazônia precisa “assumir a perspectiva dos direitos dos povos e das culturas” à sua autonomia e autodeterminação, bem como compreender que o desenvolvimento de um grupo social requer o “protagonismo dos atores sociais locais, a partir de sua própria cultura”. Por isso, frisa o Sínodo, o papel da Igreja é ser “aliada” dos povos da floresta, no respeito e na acolhida de suas culturas, o que implica a superação de todo resquício de mentalidades e práticas colonizadoras. Do contrário, será impossível “cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir” (*QAm* 28).



É preciso urgência na resposta ao grito que ecoa dos povos da floresta, enquanto sujeitos de culturas. Como diz o Papa Francisco, “muitos deles sentem que são os últimos depositários de um tesouro destinado a desaparecer”. Como vimos, as ameaças e os perigos são muitos, como a cultura globalizada que “tende a homogeneizar as culturas locais e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade”. Só o cuidado das raízes e o estabelecimento de uma relação dialógica e simétrica entre os diferentes, no respeito e na acolhida das diferenças, são garantia de futuro e da sobrevivência do autóctone. Como frisa a Exortação Querida Amazônia, a diferença, que é uma fronteira, pelo diálogo intercultural, pode transforma-se em ponte. A interculturalidade aponta para uma relação entre as culturas, para além de posturas colonizadoras. Enquanto que na cultura globalizada a tendência é homogeneizar e aniquilar, na interculturalidade se busca impulsionar processos de intercâmbio e potenciar o singular e o autóctone. É na relação intercultural que se pode construir espaços de encontro entre povos e culturas, sempre oportunidades de mútuo enriquecimento e promessa de povos respeitados em sua dignidade e em seu legítimo direito à autodeterminação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCANTARA, L.C.S.; SAMPAIO, C.A.C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, v. 40, p. 231-251, abril 2017.
- AZEVEDO, M. *Modernidade e cristianismo. O desafio à inculturação*. São Paulo: Loyola, 1981.
- BAUM, G. Inculturación y multiculturalismo. Dos temas problemáticos. In: *Concilium* (Esp) v. 251, 1994, p. 133-140.
- BEOZZO, J. O. «Globalisation en Amérique latine dans le contexte historique des interactions mondiales». Em: H. A. M. MULLER – D. VILLEPELET, *Risquer la foi dans nos sociétés. Églises d'Amérique latine et d'Europe en dialogue*. Paris: Karthala, 2005, p. 85-116.
- MENESES, P. A cultura no plural. Em: *Síntese*, v. 63, 1993, p. 445-458.

- BOFF, L. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.
- BOFF, L. *Nova era: civilização planetária*, São Paulo: Ática, 1994.
- BRIGHENTI, A. *Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e passos metodológicos*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- COMBLIN, J. “Evangelização e inculturação. Implicações pastorais”. Em: FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*. Petrópolis: Vozes/Soter, 1995, p. 57-89.
- COMBLIN, J. Aporias da inculturação (1). Em: *Revista Eclesiástica Brasileira* v. 56/223, 1996, p. 664-684.
- COMBLIN, J. Aporias da inculturação (2). Em: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 56/224, 1996, p. 903-929.
- FRANÇA MIRANDA, M. de. *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.
- HOURTON, J. Cultura, Modernidad y cristianismo. Em: *Persona y Sociedad*, v. 4, 1994, p. 9-16.
- LÉVINAS, E. *Totalidad e Infinito*. Salamanca: Sígueme, 1987.
- LÓPEZ H., Eleazar. “La teología india en la globalización actual”. Em: L. C. SUSIN, *O mar se abriu. Trinta anos de teologia na América Latina*. Soter/Loyola: São Paulo 2000, p. 109-130.
- LUCIANI, R. Querida Amazônia: “O surgimento de uma ‘nova hermenêutica’”. Em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596292-querida-amazonia-e-a-emergencia-de-uma-nova-hermeneutica-no-magisterio-artigo-de-rafael-luciani>>. Acesso em: 27 fev. 2020.
- MENESES, P. A cultura no plural. Em: *Síntese*, v. 63, 1993, p. 445-458.
- PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Querida Amazônia*. Ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.
- POUPARD, P. Évangélisation et nouvelles cultures. Em: *Nouvelle Revue Théologique*, v. 109, 1977, p. 532-549.



REDING, J. «Évangéliser dans un monde sécularisé». Em: *La foie et le Temps*, v. 5, 1992, pp. 453-469, aqui p. 458 (número especial que recolhe as conferências do Coloquio: *Évangélisation de l'Amérique latine: histoire et projet*, Louvain-la-Neuve, 6 e 7 de fevereiro de 1992).

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.

ROCA ALCAZAR, F. El Sínodo amazónico, la Amazonía y la Iglesia. Em: *Perspectiva Teológica*, v. 51, n. 1, p. 55-67, Jan./Abr. 2019.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia: novos caminho para a Igreja e para uma ecologia integral: Documento Preparatório da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Pan-Amazônia (Documento de Consulta)*. In: <[www.sinodoamazonico.va](http://www.sinodoamazonico.va)>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Documento Final do Sínodo Pan-Amazônico*. In: <<https://www.ofm.org.br/artigo/documento-final-do-sinodo-da-amazonia-28102019-081005>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum laboris* para a Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-amazônica, sobre o tema: “Amazônia, novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. In: <[www.sinodoamazonico.va](http://www.sinodoamazonico.va)>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SPADARO, P. Cf. [http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130921\\_intervista-spadaro.html](http://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html). Acesso em 18 de julho de 2020.

SUESS, P. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros. Ensaio de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. In: *Signo y Pensamiento*, Quito 46 (2006) 39-50.